

SIMPÓSIO AT031

HISTÓRIA, FICÇÃO, LOUCURA E ANCESTRALIDADE: ROSA EGIPCÍACA E STELA DO PATROCÍNIO

FARIAS, Fabiana Bazilio Farias
UNIGRANRIO/CAPES
fabibfarias@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação busca investigar as relações entre Rosa Egipcíaca (1719-1778) e Stela do Patrocínio (1941-1992). Pretende-se, pelo diálogo entre duas figuras de contextos históricos bem distintos, refletir acerca dos signos da loucura e das marcas de exclusão e silenciamento institucional e seus reflexos sociais, históricos e artísticos. Rosa Egipcíaca, ainda no período do Brasil colônia, é registrada como a primeira mulher negra a escrever um livro no Brasil. Sua trajetória relaciona misticismo, santidade, prostituição, violência e perseguição institucional. Já no século XX, Stela do Patrocínio, diagnosticada com esquizofrenia e interna na colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, tem sua fala registrada em cassetes que é transcrita postumamente e organizada no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue, 2002). A presente leitura, dessa forma, buscará estabelecer relações de proximidades entre essas duas figuras tendo como eixos de discussão a relação do corpo negro e suas dimensões sociais e a ancestralidade em torno dessas vozes que portam saberes e conhecimentos oriundos de uma tradição de oralidade e da narrativa de experiências.

Palavras-chave: História; Loucura; mulheres negras; ancestralidade.

Abstract: This communication seeks to investigate the relations between Egyptian Rose (1719-1778) and Stela do Patrocínio (1941-1992). It is intended, through the dialogue between these two figures from very different historical contexts, to reflect on the signs of madness and the marks of exclusion and institutional silencing and their social, historical and artistic reflections. Rosa Egipcíaca, still in the period of Brazil colony, is registered as the first black woman to write a book in Brazil. Its trajectory relates mysticism, sanctity, prostitution, violence and institutional persecution. In the twentieth century, Stela do Patrocínio, diagnosed with schizophrenia and hospitalized in the Juliano Moreira colony in Rio de Janeiro, has her speech recorded in cassettes that is transcribed posthumously and organized in the book *Kingdom of animals and animals is my name* (Rio of January: Azougue, 2002). The present reading, in this way, will seek to establish relations of proximities between these two figures having as axes of discussion the relation of the black body and its social dimensions and the ancestry around those voices that carry knowledge and knowledge originating from a tradition of orality and narrative of experiences.

Keywords: History; Madness; Black women; ancestry.

Introdução

Esta comunicação propõe realizar uma leitura em perspectiva comparada de duas figuras, Stela do Patrocínio e Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, a partir dos seguintes eixos de discussão: a loucura, o corpo negro e a ancestralidade. Interessa-nos, também, pensar a situação do corpo marginalizado da mulher negra e como isso reflete-se histórica e socialmente na realização (ou na interdição) e no reconhecimento de sua intelectualidade.

Bell Hooks (1995), em seu texto “Intelectuais negras”, afirma, a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência pessoal, que o espaço intelectual é um espaço tradicionalmente visto e reservado ao homem branco. A atividade intelectual, dessa forma, não é vista como algo próprio, sobretudo, às mulheres negras:

[...] o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. [...] O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva. (HOOKS, 1995)

O corpo da mulher negra, dessa forma, é um espaço interdito para o exercício da intelectualidade na visão racista e sexista da sociedade patriarcal. É compreensível, portanto, a partir dessa estrutura social, que muitas figuras de mulheres negras sejam invisibilizadas na história de diversas áreas. A ausência em vários compêndios que intentam estabelecer o cânone ou mesmo a história da nossa literatura brasileira da escritora Maria Firmina dos Reis, primeira romancista negra e precursora de discussões sobre a escravidão em nossa literatura, é um exemplo dessa invisibilidade.

1. Trajetos: de Rosa Egipcíaca a Stela do Patrocínio

Dessa forma, em consonância com a crítica literária feminista comprometida com a revisão do cânone, estabeleceremos algumas relações partindo, inicialmente da figura histórica de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz. Luiz Mott (2005), autor da detalhada biografia sobre Egipcíaca, a define como a:

[...] mulher negra africana do século XVIII de quem existem mais documentos detalhados sobre sua vida, sonhos, escritos e paixão, tanto na África como na diáspora afro-americana e no Brasil. Foi a primeira afro-brasileira a escrever um livro, do qual restaram algumas páginas manuscritas. Dos seus 46 anos de fantástica existência, viveu 20 no Rio de Janeiro, de 1725 a 1733, quando foi vendida para as Minas Gerais, onde permaneceu por 18 anos seguidos, retornando à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1751, ficando até 1763, quando foi enviada presa para os Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa.

A trajetória de Rosa Egipcíaca, desde sua chegada ao Brasil colônia, é marcada por acontecimentos de sofrimento e redenção característicos das narrativas hagiográficas. Estupros, vendas, viagens de longas distâncias feitas a pé, prostituição, acabam por levar Rosa Egipcíaca a uma enfermidade brutal e é neste período, tomada de uma revelação religiosa, que abandona a vida de prostituição e se dedica à vida de beata. É neste momento também que sua trajetória cruza com a do Padre e exorcista Francisco Gonçalves Lopes. Passou a acompanhar o Padre nesses exorcismos e a ganhar uma fama “espiritual”. Um episódio marcante foi quando interrompeu a pregação de um missionário dizendo ser o próprio diabo, por conta disso foi presa e enviada ao pelourinho e castigada com tanta violência que mesmo tendo sobrevivido ficou com metade do corpo paralisado desde então. Nesse período, já era propriedade do padre exorcista e parte com ele para o Rio de Janeiro em 1751 e adota o nome Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz. Já no Rio de Janeiro, aprende a ler e escrever motivada por uma visão espiritual e passa a ter devotos que vinham ouvir suas pregações. A diversidade de suas visões passa a ser registradas por ela ou por escribas e trazem o relato de revelações feitas

por Santos e Nossa Senhora. Foram 250 folhas do livro *Sagrada Teologia do Amor de Deus Luz Brilhante das Almas Peregrinas* em que, dentre outras coisas, relatava que “ela própria era a esposa da Santíssima Trindade, a nova Redentora do mundo” (MOTT, 2005). Luiz Mott (2005) chama a atenção para o sincretismo que Rosa Egipcíaca trazia em suas revelações, apontando para sua ancestralidade africana:

Outro aspecto da religiosidade de Rosa Egipcíaca, revelador do sincretismo afro-católico, remete-nos ao próprio espírito que passou a acompanhá-la desde que se converteu: uma entidade que, por mais de quinze anos, vexou-a, primeiro identificado como Lúcifer, mas depois referido como Afecto. Curioso que, em vez de comportar-se como o Príncipe do Mal, este espírito induzia-a para o bem, para zelar e defender a honra de Deus. Tal espírito faz-nos pensar em Avrektu – cuja semelhança fonética com Afecto é evidente, um anjo ou mensageiro de luz da cultura Gêge da Nigéria, vizinha próxima da região natal de Rosa Coura. O Avrektu é um misto de mensageiro do além e espírito protetor, através do qual seu portador profetizava o futuro – exatamente como se comportava nossa biografada. (MOTT, 2005).

É interessante observamos como a figura de Rosa Egipcíaca, por certo período, rompe pelo misticismo religioso o determinismo de sua condição social de escravizada. E será justamente pela religião que será julgada e condenada por essa subversão de sua sina nos tribunais da Inquisição Católica. Esses elementos são suficientes para revelar os indícios que nos guiam nesta breve leitura e nos permitem já partir para a outra figura que será destacada aqui.

Stela do Patrocínio nasceu em 1941 e morreu em 1992. Desses 51 anos de vida, 30 anos foram de internação na Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, situada em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Stela falava. Uma fala poética, fragmentada (em termos de eixo de sentidos) e contínua (no que se refere ao fluxo da fala) que impressionou a artista plástica Nelly Gutmacher quando esta montou, na década de 80, um ateliê na colônia Juliano Moreira. Stela do Patrocínio denominou essas falas de “falatório”, que foram gravadas em fitas cassetes e transcritas pelas estagiárias deste ateliê. Viviane Mosé, posteriormente, realizou a organização desse material e transformou em escrita

o falatório de Stela, resultando no livro *O reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, publicado pela editora Azougue em 2001.

A cadência da voz de Stela, a pronúncia inteligível de cada palavra se mistura com atravessamentos físicos: da boca sem nenhum dente (PATROCÍNIO, 2009, p. 15). que confere a essa voz uma vibração de revelação, uma categoria espiritual ligada às falas em transe, que podem remontar à mitologia dos pretos velhos que surgem de uma dimensão sacralizada da experiência coletiva da escravidão do negro. E essa relação de sacralidade e ancestralidade do negro na voz de Stela do Patrocínio não é ingênua. Estamos falando da colônia que era formada por pacientes marginalizados em sua maioria negros, mulheres e pobres. Foi na colônia Juliano Moreira que ficou conhecido, por exemplo, outro artista negro também interno, Arthur Bispo do Rosário.

Os signos da loucura passam pelo conceito de exclusão. Foucault fala sobre a loucura na Idade Média e no Renascimento como presença no horizonte social, como um “fato estético” ou cotidiano. A loucura possuiria uma natureza de revelação. E, com o passar do tempo, a partir da Idade Moderna, a exclusão alcança a loucura e subtrai-se dela sentidos mais sensíveis e a ressignificam como doença mental a ser tratada e retirada das relações sociais.

No meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há, de um lado, o homem de razão que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, de outro lado, o homem de loucura que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há; ou melhor, não há mais; a constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida, e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca entre a loucura e a razão. A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só pode estabelecer-se sobre um tal silêncio [...]. Não quis fazer a história dessa linguagem; antes, a arqueologia desse silêncio. (FOUCAULT, 2006, p. 154)

Em termos sociais, podemos falar que a loucura tem sua parte de exclusão, silenciamento e marginalidade. São considerados loucos aqueles que não se adaptam a uma ordem social, que se destacam da normalidade e são isolados pela força. Suas particularidades e, muitas vezes, seu lugar na História são apagadas pelo isolamento, pelo abandono e pela marginalização que é atravessada por questões de gênero, raça e classe. O revisionismo é importante, portanto, para repensarmos suas contribuições a partir de uma ótica mais crítica

Referências

OUCAULT, Michel. “Loucura, literatura, sociedade”. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). **Problematização do sujeito : psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.232-258. 2006.

HOOKS, Bell. “Intelectuais negras”. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2º semestre de 1995.

MOTT, Luiz. **Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993.

MOTT, Luiz. “Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil colonial”. In: **Cadernos IHU Ideias**, Ano 3, n. 38. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.**, Viviane Mosé (org). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. “A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 4, p. 1515-1529.